

# A NUDEZ DO SOM E DA FACE: O PORNÔ VANGUARDA DE BEAUTIFUL AGONY

Selma Regina Nunes Oliveira<sup>1</sup>
Guilherme Di Angellis Da Silva Alves<sup>2</sup>

Resumo: O artigo propõe uma discussão acerca da série de vídeos eróticos/pornôs Beautiful Agony (www.beautifulagony.com), que exibe headshots de homens e mulheres se masturbando. Ao comparar a estrutura narrativa da série com a obra de vanguarda Blowjob, de Andy Warhol, a pesquisa observa a presença de elementos eróticos e artísticos diluídos no pornográfico, tornando limitadoras definições fixas dos conceitos e dos conteúdos. Em Beautiful Agony, o som e as expressões faciais cumprem aquilo que Linda Williams chama de princípio de máxima visibilidade, elemento constitutivo da pornografia. É vanguardista por propor uma erótica que distende noções e práticas comuns ao gênero, com conteúdo amador e estética e enquadramento conceituais, em uma proposta mais intimista que performática.

Palavras-chave: Beautiful Agony. Pornografia. Erotismo. Vanguarda.

Beautiful Agony (www.beautifulagony.com) é um projeto erótico/pornográfico criado e desenvolvido por Richard Lawrence e Lauren Olney desde 2003. Também chamado de facettes de la petit mort, o site exibe vídeos amadores de homens e mulheres atingindo o orgasmo. O diferencial da proposta em relação ao chamado pornô mainstream ou a sites como www.ifellmyself.com, também especializado em vídeos de masturbação, está em sua estética e conceito: a câmera apenas enquadra os rostos dos participantes enquanto se masturbam, deixando de fora qualquer evidência de nudez. O foco está na articulação do som (não há trilha sonora, apenas o som ambiente) com as expressões pantomímicas do rosto em primeiro plano enquanto atingem o orgasmo.

Outro elemento constitutivo de *Beautiful Agony* é o seu conteúdo exclusivamente amador. Qualquer pessoa pode enviar vídeos seus ao projeto, que conta com mais de três mil submissões de usuários espalhados pelo mundo. O conteúdo varia de performances individuais de homens ou mulheres a sessões de masturbação em grupos, em diversos cenários. Qualquer pessoa maior de idade pode submeter vídeos, desde que se mantenha dentro da proposta. Para ter acesso ao conteúdo, no entanto, espectadores precisam pagar quinze dólares para um mês de acesso ou cem dólares para o ano.

Durante todo o tempo, a câmera nunca sai do rosto do participante. Em um primeiro plano bem fechado, podemos ver as facetas da pequena morte de milhares de pessoas. Expressões de desconforto ou nervosismo no início, de prazer durante, de agonia no clímax e relaxamento depois, tudo muito próximo de quem assiste. Mas é apenas o que é permitido ver. Como não há nudez, o som predomina como elemento mais distintivo. Se o primeiro plano oculta o ato, o som o revela.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Professora na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. E-mail: annakin@uol.com.br.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília. E-mail: g.diangellis@hotmail.com.

Há uma preocupação em manter a autenticidade do ato. Uma lista de requisitos na sessão de submissões do site diz que é preciso filmar com uma câmara de qualidade, checar o foco e a iluminação, manter o ambiente livre (o máximo possível, pois em alguns vídeos, quando a pessoa é silenciosa, podemos ouvir alguns sons externos e esses também acrescentam significados) de sons externos para que o áudio tenha a mesma força expressiva do rosto e não editar nada. Pede-se também para que o participante envie dois vídeos diferentes (ou agonias, como chamam) e que não se utilizem de nenhuma maquiagem, peruca ou encenação. O orgasmo tem de ser o mais natural possível. *Beautiful Agony* paga duzentos dólares por vídeo aceito, podendo enviar mais dinheiro caso seja sucesso de audiência. Outra demanda feita é receber, junto com os vídeos do orgasmo, um outro vídeo em que confessam histórias, desejos, fantasias, inibições, qualquer coisa de natureza sexual.

Essas exigências têm a ver com o conceito proposto pelos idealizadores do projeto. Em sua descrição, os responsáveis pelo site falam que a ideia surgiu da hipótese de que o erotismo no imaginário humano parte da face, não da carne nua<sup>3</sup>. Criticam a pornografía convencional e sua estética explícita por ser incapaz de exibir orgasmos genuínos e questionam se apenas exibir expressões faciais e gemidos seria capaz provocar excitação na audiência.

Deixam claro que o objetivo do site é, de fato, excitar. Os participantes sabem que seus orgasmos serão objeto de masturbação alheia, tanto que muitos desses vídeos acabam sendo exibidos também em portais agrupadores de conteúdos pornôs, como Redtube ou Xvideos. A crítica é dirigida à indústria pornográfica, não à pornografia. "Que outra indústria tem investido tão pouco na qualidade dos seus produtos e na experiência de seus consumidores?", indagam. Afirmam buscar algo refinado, sofisticado em suas nuances, cujo foco sejam os deleites (*exquisite delights*) de um orgasmo genuíno.

Em *Beautiful Agony*, produtores e receptores do conteúdo mantêm uma relação estreita entre si por meio dos fóruns do próprio site. Ward (2010) mostra uma discussão acalorada a respeito de se exibir ou não um orgasmo em que se enquadrasse todo o corpo (chamado no fórum de *Full Body Agony*). Tal conteúdo foi exibido em uma sessão chamada *Overkill*, de conteúdos que estão à margem da estética proposta pelo site. As reações foram variadas, e o debate acerca de novas possibilidades de vídeos se estende até hoje em vários tópicos.

O que se extrai desta e de outras discussões dos foristas é o sentimento de partilha de uma visão acerca do erotismo. Essa comunidade erótica *online* é fundamental para o site em diversos aspectos. Os proprietários são membros ativos dos fóruns e demonstram preocupação com que os usuários, sejam produtores ou consumidores de conteúdo, pensam e desejam ver e experimentar, fortalecendo a relação deles com o

<sup>1</sup> 

produto que oferecem. As pessoas que enviam os vídeos costumam ser usuárias ativas do fórum (Ward mostra que um deles chega ao ponto de abrir um tópico para saber se a garota de um dos vídeos estava bem, tamanho o choque que teve com a intensidade de seu orgasmo). Isso tudo, somado aos vídeos confessionais, confere uma aura de autenticidade e de realismo ao conteúdo. Como será discutido na última sessão do artigo, esse sentimento de proximidade distante proporcionada pela comunidade virtual é fundamental para se entender o apelo do site, seja para publicar vídeos nele os assistilos.

Beautiful Agony pode ser entendido, portanto, como um pornô erótico, ou Hard Core sem nudez, como os próprios donos definem (Ward, 2010). Com isso, impõe questionamentos a respeito das características mais preeminentes da pornografia. Mas as contradições a serem levantadas acerca da natureza deste erotismo também permitem pensar novos caminhos para ele. Por essas e outras questões que serão tratadas adiante, o artigo defende que Beautiful Agony está na vanguarda da indústria pornográfica, em um momento em que esta se encontra saturada de representações (o site Xvideos.com, por exemplo, conta com mais de cinco milhões de vídeos).

Uma dessas características da pornografia que *Beautiful Agony* distende, talvez a mais fundamental delas, é aquilo que Linda Williams (1989, p. 49) chama, em *Hard Core: power, pleasure, and the frenzy of the visible*, de princípio de máxima visibilidade. Diz respeito à associação entre a visibilidade e o real, do desejo de mostrar o sexo e o corpo nos mínimos detalhes. Ao favorecer closes e planos detalhes de determinadas partes do corpo, iluminar as genitálias, escolher posições sexuais que favoreçam a visibilidade do ato, criar um número de posições diferentes durante as cenas e exibir sempre a ejaculação masculina, a pornografia deixa evidente que a explicitude é condição fundamental do gênero.

Em *Beautiful Agony* não há órgãos sexuais expostos em closes reveladores, não há sequer nudez. Há de se questionar, no entanto, por que se ater apenas à genitália como manifestação do pornográfico se vivemos em uma sociedade tão fascinada com o próprio reflexo. Ou como Ward coloca, a partir de Baudrillard:

Se o que define hard core é o princípio da máxima visibilidade, então nosso momento tecnológico contemporâneo nos dá a oportunidade de fazer hard core de quase tudo: isolamento, redução, replicação, transmissão. Tudo tende a parecer um pouco hard core se o observamos por tempo suficiente. Tudo se torna um pouco fascinante, um pouco grotesco embaixo do intenso brilho da acessibilidade infinita (Ward, 2010, p. 185)<sup>4</sup>.

Há visibilidade maior que ter seu rosto exposto em primeiro plano durante seu momento de maior intensidade, quando não se é capaz de controlar as próprias feições? E expor tal descontrole para quem quiser ver? Ao se exigir dos participantes que não

accessibility (Ward, 2010, p. 185).

٠

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> If what defines hard core is the principle of maximum visibility, then our contemporary technological moment affords us the opportunity to make hard core out of anything: isolation, reduction, replication, transmission. Everything tends to look hard core if you focus on it long enough and line it up in a dizzying array. Everything becomes a bit alluring, a bit grotesque, under the intense glare of infinite

simulem, temos o princípio da máxima visibilidade aplicado ao som também. Gemem e gozam tal qual se geme e se goza. A máxima visibilidade e o real novamente associados. Ver a si mesmo gozando e expor esse gozo a quem quer ver diz muito sobre as novas possibilidades da pornografía em vender o tesão e provocar desejo.

Considerando que a indústria pornográfica está sempre em busca de novas máximas visibilidades, de ainda conseguir excitar e manter interesse frente a um público com novas demandas, há de se entender *Beautiful Agony* como parte desse movimento. A máxima visibilidade agora aplicada ao som e às facetas do orgasmo.

Na relação do espectador com os vídeos, isso também é evidente. Tem-se mais de três mil pessoas gozando, cada uma de um jeito diferente. Pode-se comparar gozos, achar graça de um, se masturbar com outro, baixá-los e assisti-los todos de uma vez. É muito evidente nos fóruns como os usuários analisam e interpretam os orgasmos vistos. O fórum existe justamente para se discutir o conteúdo e suas repercussões. Ward fala de outro forista que busca traçar uma correlação entre o movimento involuntário das narinas com o dos lábios vaginais durante o orgasmo. Por mais esdrúxula que seja a hipótese, ele não está só. E tais buscas por hipóteses remetem às catalogações de doenças ou feições feitas por médicos e cientistas do século XIX, impulsionadas pelo advento da fotografia. As primeiras fotografias pornográficas são justamente desse período (WILLIAMS, 1989) e a partir daquelas.

A proposta de *Beautiful Agony* tem clara referência ao filme de vanguarda *BlowJob*, de Andy Warhol. A obra, de 1964, é um filme mudo, com duração de 35 minutos, que retrata o ator DeVeren Bookwalter recebendo sexo oral. A câmera se mantém enquadrada no rosto do ator o tempo todo, nunca mostrando o ato em questão. O filme circulou simultaneamente em galerias de arte como em espaço pornográficos.

Em seu trabalho *Evidência invisível -- BlowJob, vanguarda, documentário e pornografia*, Baltar (2011) mostra como a obra em questão coloca importantes questões a respeito dos domínios da pornografia e do documentário com seus estatutos de legitimidade a partir das evidências do visível. Ela argumenta que embora a correlação com a pornografia seja inegável, ao não tornar o ato visível, cria novas questões para os gêneros artístico, pornográfico e documental. A grandeza do trabalho reside justamente nessas evidências invisíveis.

O espectador, portanto, acompanha o ato sexual sugerido pelo que está "explícito" na crueza do título, crueza que remete aos títulos do universo pornográfico tradicional, e por outras pistas (traços) intertextuais. A gama de expressões que atravessa o rosto do ator – que acompanhamos no plano sequência, aspecto que faz toda a diferença – sugere as nuances da duração de um gozo que se remete diretamente ao modo de enquadrar o gozo invisível [...] da mulher nos códigos genéricos do filme pornô tradicional (BALTAR, 2011, p.481).

De maneira análoga, *Beautiful Agony* impõe tais questões, agora em outro contexto. Ao propor, na pornografia, aquilo que Warhol havia feito na década de 60 em *BlowJob*, abre uma oportunidade para se pensar as possibilidades do erotismo e da vanguarda na pornografia.



## POR QUE É ERÓTICO?

No vídeo 267 do projeto, duas mulheres se masturbam juntas. Há um ritmo mecânico e apressado no que fazem. Os rostos se contorcem em expressões pantomímicas, a respiração vai ficando cada vez mais agitada e ofegante. Em um determinado momento, elas, que alternavam entre olhos fechados e olhares perdidos, com os rostos voltados para a câmera posicionada acima delas, trocam olhares e param por um instante o que estão fazendo para contemplarem a si mesmas nesse fazer. Sorriem uma para a outra antes de continuarem a masturbação. Os rostos voltam a se contorcer, os gemidos vão ficando mais altos. O site cumpre o que promete no título: as facetas da pequena morte estão ali, a bela agonia do orgasmo captada em close como se não houvesse ninguém vendo. Depois do gozo, elas sorriem uma para a outra novamente; a moça da direita reclina sua cabeça no pescoço da outra e, ofegante, a abraça. Beijam-se até o término do vídeo, que dura pouco mais de um minuto.

Segundo Bataille (1987, p. 238), o desejo do erotismo é o desejo do que triunfa do interdito. Fala também na transgressão como elemento fundamental para sua constituição. Maes (2012, p. 20) o distingue das representações pornográficas, por exemplo, por entender que não há apenas uma busca por sensações, mas uma contribuição para um florescimento do indivíduo, algo que lhe provoque e mexa com seu senso de si. Levinson (2012, p. 89) chama a atenção também para a sujeitificação do outro na experiência erótica.

Há uma estranha intimidade em *Beautiful Agony*. Primeiro por ser destinada a estranhos, em uma relação de proximidade distante. Expor-se ao um mundo sem sair de casa, ser visto em absoluta intimidade e permanecer anônimo. Depois, pela conjunção entre a explicitude da face e do som, que desnudam o ato e constituem a máxima visibilidade do orgasmo, e todos os outros elementos que ficam encobertos durante o ato.

A obscenidade de *Beautiful Agony* é literal, ou seja, reside naquilo que está fora de cena. Tem-se no máximo pistas de como o fazem, a maioria delas auditivas, como o som de um vibrador ou um barulho de água. É uma intimidade estranha também por ver os participantes de maneira tão próxima e intimista, por conseguir acompanhar tudo isso de maneira intensa e não se poder ter acesso a mais nada. A ansiedade provocada por não conseguir ver além do que se deixa, como Ward (2010) mostra por meio de algumas mensagens dos fóruns, é outra característica erótica do projeto. O interdito se dá tanto pelo que está fora de cena quanto pelo tão pouco se consegue ver.

Quase paradoxalmente, a ausência de outros elementos potencializa a atenção para os pequenos detalhes. Uma virada de olhos, uma mordida dos lábios, um grito mais estridente, tudo isso acaba ganhando muito mais potência, e são eles que constituem a conexão erótica do espectador com quem grava a si mesmo gozando.

São mais de três mil vídeos, todos muito parecidos no formato, mas tão diferentes entre si por conta destas questões. São homens, mulheres, casais heterossexuais, casais homossexuais, grupos de pessoas, gente magra, gente gorda, gente nova, gente velha, tatuados, carecas, cada um com suas particularidades de gozo, o que possibilita uma empatia com os participantes. O olhar conecta, revela o eu no outro, e seu primado é um desses elementos constitutivos do erótico em *Beautiful Agony*.

O desejo de ver e, principalmente, o desejo de ser visto diz muito sobre as particularidades deste erotismo contemporâneo, midiatizado. O século XVIII dá início a uma abordagem científica do erotismo ao tratá-lo sob a ótica da razão (CAMARGO; HOFF, 2002, p. 58), mas é o século seguinte que vem inaugurar a noção de sexualidade, por meio de todos dispositivos oriundos daquilo que Foucault (2003) denominou *scientia sexualis*, que incluem a formação de saberes e sistemas de poder que regulam sua prática e as formas de reconhecimento. A sexualidade é justamente o correlato dessa prática discursiva desenvolvida e estruturada lentamente. É um discurso que estabelece verdades científicas e normas regulamentares para a sexualidade, atuando sobre o corpo, determinando o que deve ou não ser feito, o que é saúde ou doença, e prescrevendo procedimentos adequados para a cura e para a prática sexual.

Em *O Nascimento da biopolítica* (2008), Foucault argumenta que o estado moderno integrou numa proporção sem precedentes técnicas de individualização subjetiva e procedimentos objetivos de totalização; um duplo vínculo político, constituído pela individuação e pela simultânea totalização das estruturas do poder. Vemos como na sociedade de consumo esse duplo vínculo se fortalece. Como elemento unificador, totalizante; consumo também como caminho subjetivante e identificatório. Vemos ainda o papel de uma indústria cultural que condiciona e legitima esses discursos sobre o corpo: "E diante de fenômenos como o poder midiático-espetacular, que está hoje por toda parte transformando o espaço político, é legítimo ou até mesmo possível manter distintas tecnologias subjetivas e técnicas políticas?" (AGAMBEN, 2002, p. 13).

O desenvolvimento do capitalismo não teria sido possível sem o controle disciplinar de um biopoder, com tecnologias diversas que proporcionaram os "corpos dóceis" tão fundamentais para o sistema. Agamben (2002) mostra que a biopolítica do totalitarismo moderno e da sociedade de consumo e do hedonismo de massa possuem as mesmas raízes e justificativas. Fala também da decadência da modernidade e do progressivo convergir com os estados totalitários nas sociedades pós-democráticas espetaculares. Arendt (1958/2010), antes de Agamben, argumenta que o evento decisivo da modernidade política foi a instrumentalização da política pelo mero viver, o bem supremo. A vida se torna o valor único.

A sociedade de consumidores adapta a concepção do modelo discursivo médicocientífico da *scientia sexualis* às relações mercadológicas, constituindo uma nova medicina do corpo, um novo controle. Primeiro, a compreensão da sexualidade do corpo, depois a associação da saúde à estética e a construção de padrões de corpo e de beleza, amplamente divulgados pela mídia.

Tal dispositivo, diz Foucault (2003; 2008), gerou um "falar de" que possibilitou a construção e a difusão de um "fazer" normatizado, em uma nova forma de realização do erótico. Na mesma perspectiva, Morin (2002, p. 122) mostra como a indústria cultural associou o erotismo com o próprio movimento do capitalismo moderno. O dinheiro, sempre insaciável, se dirige a Eros, sempre subnutrido, para estimular o desejo, o prazer e o gozo, chamados e entregues pelos produtos lançados no mercado. É o que ele chama de expansão vertical do capitalismo, que invade o reino dos sonhos, acorrenta a libido e domestica Eros. Morin diz que ao utilizar o desejo e o sonho como ingredientes no jogo da oferta e da procura, o capitalismo soube impregnar a vida humana de um onirismo e de um erotismo difusos (2002, p. 120).

O erótico regido também pelo econômico. Ele perde a sua essência e a sua força criativa a partir do momento em que procede de maneira semelhante à *scientia sexualis* na criação de verdades e na divulgação e controle do discurso erótico. O erotismo midiatizado produz um corpo-discurso, construído na mídia para significar e ganhar significados nas relações midiáticas. É imagem, texto não-verbal que representa um ideal e dilui a subjetividade e a dispersividade dos corpos de natureza e de cultura (CAMARGO; HOFF, 2002, p. 27).

Esse processo de virtualização do erótico e de apropriação econômica dele, em que ele se dissolve nas funções mercadológicas e está presente em todas as redes de exercício do poder, acarreta na dissolução do seu próprio potencial criativo. Objetivado pela economia, ele perde suas representações locais e determinantes da moral, perde sua subjetividade. Prevalece o caráter físico, ou seja, aquilo que é expresso no corpo como erótico, que permitirá tratá-lo como mercadoria e, como tal, terá valor somente o que dele for observável universalmente.

O novo entendimento do erótico faz com que ele não seja religioso, pois sua ligação com o começo e a vida prende-se ao plano natural. Não é político, porque não é ideológico, e nem regulador da convivência social. Também não é moral, pois não propõe práticas de melhoria de vida – sonhos e utopias – e porque a consciência de eternidade prevê viver mais e não viver melhor. Desprovido da dimensão intelectual e marcado pelo código econômico, quase não se distingue do pornográfico. Está presente em todas as formas discursivas, sempre numa dimensão econômica, e não mais como erótico propriamente dito (CAMARGO; HOFF, 2002, p. 46).

A diluição entre erótico e o pornográfico torna limitadora qualquer definição fixa dos termos na contemporaneidade. Da mesma forma que o erotismo midiatizado discutido aqui se realiza na dimensão do corpo e para o corpo, numa relação de coisificação – característica do pornográfico –, a pornografia pode se fazer um espaço fértil para sexualidades que transgridem as restrições impostas, essência do erotismo, como a pesquisa afirma ser o caso do objeto em questão.

Beautiful Agony está inserido neste contexto. É evidente a necessidade de se produzir saberes sobre o corpo e sobre o sexo, agora no âmbito midiático. Os participantes enviam seus vídeos porque são impelidos a isso. A afirmação da sexualidade é elemento importante na constituição da sua imagem e de uma identidade, reificada por meio do olhar do outro. O site abriga tanto o erotismo midiatizado, reiterando suas normas, quanto a sua dissidência transgressora. Tal transgressão representa não só a violação das normas, mas, por se constituírem como prazeres dissidentes, possibilitam aos agentes novos tipos de relações. Essas relações criam novos valores, hierarquias, normatividades e desigualdades. Não se trata de uma politização do gozo: ele já é, em si mesmo, político.

### POR QUE É PORNÔ?

Os romances pornográficos produzidos na França do século XVIII tiveram contribuição significante na história do pensamento e das artes. Autores como Diderot, Rabelais, Sade e outros produziram obras que aproximavam sexo e filosofia,

libertinagem e iluminismo. A pornografía também era um instrumento para golpear nobreza, clérigos e monarcas e exprimir as ideias-chave do Iluminismo (DARNTON, 1996). O libertinismo da época dizia respeito tanto ao corpo quanto ao espírito, o gozar e o filosofar aspectos constituintes do erótico.

Thérèse philosophe, de autoria desconhecida, é um perfeito exemplo disso. Ao presenciar a sedução cínica de um clérigo a uma jovem à procura de aconselhamento, Thérèse renuncia à autoridade da Igreja e segue o princípio do prazer através da física, da metafísica e da ética, o que resulta em um final feliz na cama de um conde filosófico. No fim do romance, ela se torna uma philosophe de méritos próprios. Aprende que tudo pode ser reduzido à matéria em movimento, que todo conhecimento deriva dos sentidos e que todo comportamento deveria ser governado por um cálculo hedonístico: maximize-se o prazer e minimize-se a dor. Thérèse também recusa o papel de mãe e persegue a felicidade pessoal em seus próprios termos — enquanto mulher materialista, ateia e liberada.

Por mais estranho que possa parecer ao leitor moderno, sexo e filosofia caminham lado a lado por todo o romance. As personagens masturbam-se, copulam e então discutem ontologia e moral enquanto restauram as forças para a próxima rodada de prazer. Essa estratégia narrativa fazia perfeitamente sentido em 1748 ao mostrar como o conhecimento carnal podia abrir caminho para o iluminismo – o iluminismo radical de La Mettrie, Helvétius, Diderot e D'Holbach (DARNTON, 1996, p. 25).

Beautiful Agony é pornográfico porque se diz pornográfico; porque seus espectadores o veem assim, porque seu conteúdo carrega elementos daquilo que se entende por pornográfia e porque é visto em diversos sites dedicados a isso. Mas não é só isso, como foi discutido ao longo de todo o artigo. O que tornou o romance pornográfico do século XVIII interessante e revelador foi a capacidade de ter sido contracultura, de ter rompido com normas e valores e, com isso, possibilitado outras formas de se vivenciar a sexualidade e de se constituir como sujeito. O site se filia a essa tradição e pensa a pornografia além de um mercado, como espaço de abertura e de luta por ressignificações ao buscar no conteúdo os mesmos elementos nas diferentes formas que se manifestam hoje. As práticas e os tabus sexuais estão sempre mudando, e é por conta dessa variabilidade que o sexo se constitui como algo tão bom para pensar as possibilidades de emergência do sujeito, o desejo manifesto na linguagem, já que por meio dele é possível explorar ambiguidades e definir fronteiras.

#### POR QUE É VANGUARDA?

Baltar (2011, p. 470) argumenta que desestabilizar códigos historicamente firmados a partir de procedimentos alusivos é a base constitutiva dos filmes de vanguarda, que trabalham sempre em torno do questionamento dos limites da definição e das expectativas do público diante do formalmente conhecido. Tal noção, aplicada em seu texto à arte e ao documentário, pode ser compreendida também na pornografía.

Beautiful Agony coloca-se na vanguarda da indústria pornográfica por uma série de razões. A primeira delas diz respeito à configuração da indústria depois da internet. O grupo de responsabilidade e filtragem de conteúdos online Covenant Eyes produziu em 2013 um relatório massivo sobre o assunto. Em 2007, a indústria pornográfica online gerou um lucro de 3 bilhões de dólares. Em 2008, eram mais 40 mil sites distribuindo pornografía. Só o site www.xvideos.com possui mais de cinco milhões de vídeos gratuitos no seu banco de dados. Embora não se tenha dados atualizados, há de se supor que conteúdo e renda hoje são muito maiores. Só a renda gerada por conteúdos para smartphones e tablets é estimada em 2,8 bilhões de dólares para 2015. Conforme a tecnologia dos aparelhos fica mais barata e a qualidade de transmissão da internet melhora, espera-se que o número aumente de maneira significante. Em um outro levantamento, de 2012, 43% dos executivos e acionistas da indústria afirmaram que dispositivos móveis serão a principal forma de se ter acesso à pornografía no futuro. Em uma outra pesquisa, feita com 1521 usuários de smartphones no Reino Unido, 24% deles admitiram ter material pornográfico no aparelho.

Neste oceano de putaria e libidinagem, *Beautiful Agony* é capaz de produzir um conteúdo facilmente identificável pelo consumidor e, mais importante, é capaz de fidelizá-lo ao produto. Ao considerar que poderia haver um público saturado das representações pornográficas convencionais midiatizadas, os criadores do site/ projeto *Beautiful Agony* construíram seu discurso a partir do que consideraram uma falha da indústria do sexo em oferecer conteúdos mais genuínos, que representassem o ato sexual com mais autenticidade, naturalidade e intimidade e que, assim como os romances do século XVIII, pudessem propor outras experiências à audiência).

A pornografía há muito não é mais a única produtora dessa visibilidade do corpo e do sexo. Conforme a percepção do público comum em relação à sexualidade se torna mais aberta, mais a indústria de entretenimento usa o sexo e muitas vezes o sexo explícito como parte orgânica da cena, não com o objetivo de chocar ou provocar desconforto no público. Filmes como *Azul é a cor mais quente do ano* exibem cenas de sexo explícito, séries como *Game of thrones* têm cenas de nudez em muitos dos seus episódios.

Ao perder esse monopólio das representações de nudez e do sexo, a indústria pornográfica é forçada a se renovar. Os exemplos mais bem sucedidos disso são aqueles que têm na filosofia de negócio e no conceito proposto a mesma importância dada ao conteúdo. Sites como *Beautiful Agony*, *Suicide Girls* (www.suicidegirls.com), *Cosplay Deviants* (www.cosplaydeviants.com) e outros conseguem atingir um público ao oferecer visões específicas da sexualidade, da beleza, do erotismo e da fantasia.

Outra razão, talvez a mais importante delas, está em como *Beautiful Agony* incorpora no seu site as principais características da WEB 2.0. O projeto seria inviável sem uma cultura midiática que desse tanto valor à imagem e à exposição da própria imagem na esfera pública; que não só a tornasse rotineira como fizesse dessa exposição parte importante da construção de uma imagem pública e de uma identidade própria, construída sempre sob escrutínio dos outros. A autodescoberta e a autoexpressão caminham juntas e demandam uma audiência. Em tempos de *facebook*, *youtube*, *whatsapp*, a face, ou seu avatar, exerce um fascínio enorme. Boa parte do apelo dos *closes* dos rostos reside nessa correlação.

Beautiful Agony é um dos poucos sites pornôs que incorpora tais elementos e capitaliza em cima disso. A cultura da WEB 2.0 possibilita à indústria pornográfica atingir o desejo por um produto que seja genuinamente amador dentro de uma cultura que permite e encoraja que amadores produzam tal conteúdo.

Na mensagem para as pessoas que desejam enviar vídeos de si mesmo, o site questiona: "você quer se juntar a esse grupo de radicais (band of radicals)?". "Você quer compartilhar a sua agonia com o mundo?" De uma cultura em que era pecado gozar a esta em que o pecaminoso é não conseguir o gozo, afirmar-se como sujeito do próprio prazer é fator importante na construção de uma identidade, e tal questão tem se inserido cada vez mais na esfera pública. O principal apelo de quem envia seus vídeos está nisso, no que representa fazer parte deste bando de radicais.

Ao entender que a pornografia convencional oferece uma representação falseada do prazer, o site se propõe a ser justamente essa resposta, de se distinguir perante a audiência dos demais sites, reforçando a ideia de autenticidade do conteúdo e originalidade da proposta. O apelo para quem consome reside no fato de aquilo que veem existe no mundo real, de que os participantes são reais, de que seu gozo é legítimo.

Outra questão incorporada da WEB 2.0 é a relação simétrica entre produtores e consumidores, o que reforça esse apelo baseado na autenticidade do que é visto. Eles conversam entre si nos fóruns, formam nele uma comunidade erótica virtual.

Por fim, vale ressaltar a relação diferenciada com o princípio da máxima visibilidade, abrindo a pornografia para novas possibilidades, e com o gozo feminino. Em *Beautiful Agony*, diferente do que acontece na imensa maioria das representações pornográficas, elas não são colocadas na posição de objeto, mas se afirmam sujeitos do próprio prazer. Em *Hard Core*, Williams (1989, p. 102) destaca a incapacidade que a pornografia tem de evidenciar o gozo feminino tal qual o faz com o masculino. O projeto em questão renova esse desejo duradouro de dar visibilidade ao ato.

#### REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. A Condição humana (1958). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BALTAR, Mariana. Evidência Invisível - BlowJob, Vanguarda, Documentário e Pornografia. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre: v.18, número 2, p. 469-489.

BATAILLE, George. O Erotismo. Porto Alegre: L & PM, 1987.

CAMARGO, Francisco Carlos; HOFF, Tânia Márcia Cezar. **Erotismo e mídia**. São Paulo: Expressão e arte editora, 2002.

DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar. In: NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade v.1**. São Paulo: Graal, 2003.

. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LEVINSON, Jerrold. Is pornographic art comparable to religious art? Reply to Davies. In: MAES, Hans; LEVINSON, Jerrold (orgs..). **Art and pornography**: philosophical essays. Oxford: Oxford University Press, 2012.

MAES, Hans. Who says pornography can't be art? In: MAES, Hans; LEVINSON, Jerrold (edit.). **Art and pornography**: philosophical essays. Oxford: Oxford University Press, 2012.



MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. WARD, Anna E. Pantomimes of ecstasy: beautifulagony.com and the representation of pleasure. Camera obscura 73, v. 25, n. 1. North Carolina: Duke University Press, 2010.

WILLIAMS, Linda. **Hard Core**: power, pleasure and the "Frenzy of the visible". Los Angeles: Berkeley University Press, 1989.

#### Recebido em 22/09/2014. Aprovado em 10/11/2014.

**Title**: The nudity of the sound and the face: the avant-garde pornography of Beautiful Agony

Abstract: The article proposes a discussion about the series of erotic/pornographic videos Beautiful Agony (www.beautifulagony.com), which displays headshots of men and women masturbating. By comparing the narrative structure of the series with the work of avantgarde Blow Job, from Andy Warhol, the research observes the presence of both erotic and artistic elements combined with the pornographic, making fixed definitions of the concepts and contents very limited. In Beautiful Agony, it is the sound and the facial expressions that fulfills what Linda Williams calls the principle of maximum visibility, a fundamental element of pornography. The work is avant-garde because it proposes a erotica that distends notions and practices that are common to the genre, with amateur content and conceptual aesthetics and framing.

Keywords: Beautiful Agony. Porn. Eroticism. Avant-garde.